



## POR QUE (NÃO) DIZER DA LÍNGUA?

## WHY TO (NOT) SAY ABOUT THE LANGUAGE?

Silmara DELA SILVA<sup>1</sup>

Fernanda LUNKES<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: silmaradela@gmail.com.

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal do Sul da Bahia UFSB. E-mail: flunkes@gmail.com.





## RESUMO

Neste trabalho, dirigimos nosso olhar a discursos que buscam dizer sobre a cena política brasileira, com foco na relação que estabelecem entre língua e sujeito. Da perspectiva teórico-metodológica da análise de discurso proposta por Michel Pêcheux, objetivamos analisar o modo como dizeres sobre a língua e os sujeitos que nela se inscrevem funcionam em diferentes condições de circulação; e o que (não) dizem em debates acerca da política e de suas práticas no Brasil. Para isso, constituímos o *corpus* de análise por materialidades significantes em dispersão, reunindo uma crônica de especialista em questões de linguagem e um *meme* que circulou amplamente na rede social *Facebook*. Tais materialidades circularam em diferentes momentos, mas têm em comum o fato de voltarem-se à língua e aos seus empregos para tratar de questões relacionadas a práticas políticas. Nossos gestos de análises se voltam, assim, ao modo como, nesses dizeres, imaginariamente direcionados a dizer sobre a língua, produzem-se sentidos para os sujeitos que nela se constituem em suas posições ideológicas.

## PALAVRAS-CHAVE

Análise de Discurso; língua; sujeito; política.

## ABSTRACT

In this paper, we analyzed discourses about the Brazilian political scene, focusing on the relationship they establish between language and subject. From the theoretical-methodological perspective of discourse analysis proposed by Michel Pêcheux, we aim to analyze the way in which



saying about the language and the subjects who enroll in it work in different circulation conditions, and what they (don't) say in debates about politics and its practices in Brazil. For this, we constitute the corpus of analysis by significant materialities in dispersion, bringing together a chronicle of expert on language issues and a meme that circulated widely on the social network Facebook. Such materialities circulated at different times, but they have in common the fact that they turn to the language and their uses to address issues related to political practices. Our analysis gestures thus turn to the way in those sayings, imagined to say about the language, meanings are produced for the subjects that constitute it, in their ideological positions.

## KEYWORDS

Discourse analysis, language, subject, politics.

## 1. INTRODUÇÃO

*... as regras da língua não podem ser consideradas como regras categóricas – no sentido de que uma regra deve ou não deve ser aplicada. Em vez disso, as regras da língua devem ser vistas como intrinsecamente possibilitadoras dos jogos ideológicos e das latitudes discursivas.*

*Françoise Gadet*

Neste artigo, propomos reflexões teórico-analíticas acerca de discursos que tratam da cena política brasileira recente, com foco na relação que estabelecem entre língua e sujeito. Nosso objetivo é analisar o modo como



dizeres sobre a língua e os sujeitos que nela se inscrevem funcionam em diferentes condições de circulação; e o que (não) dizem em debates acerca da política e de suas práticas no Brasil<sup>3</sup>.

Para isso, tomamos, como aporte teórico e metodológico, a análise de discurso proposta por Michel Pêcheux, que se desenvolve na França entre o final da década de 1960 e meados dos anos de 1980, e os seus desdobramentos no Brasil, desde então. Assumindo uma posição materialista e compreendendo o discurso como efeitos de sentidos para e por sujeitos (PÊCHEUX [1969] 1997), que resultam do encontro entre a materialidade linguística e condições sócio-histórico-ideológicas, propomos refletir acerca das noções de língua e sujeito; e de suas implicações em dizeres sobre o político, a política e suas práticas, em nossa conjuntura sócio-histórica.

Para os gestos de análise que empreendemos, constituímos o *corpus* por materialidades significantes em dispersão, reunindo, assim, uma crônica de um especialista em questões de linguagem, com circulação na imprensa e na rede eletrônica; e um *meme* que, inicialmente postado na rede social *Facebook*, passa a circular amplamente na rede eletrônica, em *blogs* e *sites*. Tais materialidades, apesar de circularem em diferentes momentos, têm, em comum, o fato de mobilizarem um dizer prescritivo acerca da língua e de seus empregos – no caso específico, os usos dos porquês – ao tratarem de questões relacionadas às práticas políticas, naquelas circunstâncias de sua circulação. Para além da questão gramatical,

---

<sup>3</sup> Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada, oralmente, no simpósio “O literário, o linguístico e o político em discurso”, durante o VI Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa (SIMELP), realizado em Santarém, Portugal, em outubro de 2017.

normalmente restrita à correção na grafia e nos empregos das quatro formas de porquês em língua portuguesa, interessa-nos compreender o modo como, ao se dizer sobre a língua, diz-se dos sujeitos que a empregam e, no caso do *corpus* que mobilizamos, demarca-se uma posição entre outras na cena política brasileira recente.

Começamos nosso percurso trazendo breves reflexões teóricas acerca de língua, sujeito e discurso no campo teórico-metodológico em que nos inscrevemos. Em um segundo momento, passamos aos gestos de análise do *meme* e da crônica que constituem o *corpus*. Como afirma Françoise Gadet (PÊCHEUX; GADET, [1991] 2011, p. 102), na epígrafe que trouxemos neste artigo, interessam-nos “os jogos ideológicos”, “as latitudes discursivas” que são postos em funcionamento na relação entre a língua e as condições de produção dos discursos.

## 2. SOBRE LÍNGUA(GEM), SUJEITO E DISCURSO

Iniciamos retomando uma afirmação bastante clássica do linguista francês Emile Benveniste, do seu artigo intitulado “Da subjetividade na linguagem” (1958). Assim diz Benveniste:

A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. [...] Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. [...] É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*. (BENVENISTE, [1966] 2005, p. 285-286).

Nessa passagem, Benveniste ([1966] 2005) busca sustentar que a linguagem não pode ser concebida como um instrumento – uma vez que



seria inseparável do próprio homem – e aponta para uma aproximação entre linguagem e sujeito como uma relação necessária para se pensar o funcionamento da linguagem, que ele distingue de qualquer funcionamento específico de uma língua em particular.

Embora, em sua reflexão, Benveniste ([1966] 2005) se encaminhe para o estudo formal da enunciação, o que resultará em uma tomada de posição teórica distinta da que adotamos, lançamos mão de suas palavras porque nelas temos um encaminhamento na Linguística que muito diz da relação que desejamos abordar: a relação constitutiva entre língua e sujeito. Isso acontece porque entendemos que a língua em que se diz é, também, uma língua que diz do e no sujeito, ainda que ele, imaginariamente, se queira dela o senhor.

Na análise de discurso, perspectiva teórica em que nos situamos, entendemos o discurso como efeitos de sentidos para e por sujeitos, como nos propõe Pêcheux ([1969] 1997), sujeitos do inconsciente e interpelados pela ideologia. Ao expor os fundamentos de uma teoria materialista do discurso, Pêcheux ([1975] 1997a) recorre a Althusser (1985), em uma de suas teses, para explicar o modo como a ideologia interpela os indivíduos em sujeito, constituindo, ao lado da evidência do sujeito, a evidência do sentido. Como afirma Pêcheux ([1975] 1997a, p. 152-3), ideologia e inconsciente são estruturas-funcionamento e, assim sendo, atuam dissimulando “sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de *evidências ‘subjetivas’*, devendo entender-se este último não como ‘que afetam o sujeito’, mas ‘nas quais se constitui o sujeito’” (itálicos do autor).

O sujeito, assim, constitui-se, por força da ideologia, em um efeito que decorre do necessário apagamento da interpelação ideológica e a consequente constituição do sujeito como origem e causa de si (PÊCHEUX [1975] 1997a). A



condição do sujeito é, assim, produto da contradição que constitui também os sentidos. Ao mesmo tempo em que se esquece do efeito ideológico elementar que o constitui, o sujeito se coloca na origem do dizer; mas seu dizer se dá sempre a partir de uma posição ideológica, da filiação a sentidos em curso, possíveis em relação às práticas vigentes em uma formação social. Trata-se, assim, como afirma Orlandi (2001, p. 48), de um sujeito “atravessado pela linguagem e pela história”. Ainda em seus termos: “Ele [o sujeito] é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas.” (ORLANDI, 2001, p. 49).

Contraditoriamente, é também o sujeito que faz a língua funcionar, como já trouxemos ao retomarmos a reflexão de Benveniste ([1966] 2005). Contudo, como bem nos lembra Gadet, em entrevista após o lançamento de seu livro com Pêcheux, *A língua inatingível*: “Fazer a língua funcionar é somente jogar nas suas coerções e nas suas lacunas – jogar nas latitudes que ela oferece.” (PÊCHEUX; GADET, [1991] 2011, p. 105). Pensar o sujeito, dessa perspectiva, é considerar a sua constituição na linguagem e na história, sua inscrição no simbólico que não se faz sem um funcionamento imaginário de autonomia frente à língua.

No que concerne à língua, no quadro teórico da análise de discurso, temos que ela se constitui como materialidade que se inscreve na história e, desse modo, produz sentidos. Dada a especificidade do *corpus* sobre o qual iremos nos deter, voltamo-nos a Orlandi (2013), que, com base em Gadet e Pêcheux ([1981] 2004), propõe a divisão entre língua imaginária e língua fluida como modo de se pensar a relação dos sujeitos com a(s) língua(s), em nossa conjuntura sócio-histórica. Em análises acerca da



língua no Brasil, uma língua que decorre de um processo de colonização linguística (MARIANI, 2004) particular, Orlandi propõe a distinção entre língua imaginária e língua fluida, a qual nos permite compreender, discursivamente, a relação – por vezes tensa– entre os sujeitos e “sua” língua. Enquanto a língua imaginária pode ser definida, conforme Orlandi (2013, p. 13), como o “sistema fechado”, com suas normas, como aquela sobre a qual trabalham os linguistas, a língua fluida se define, conforme a autora, como “a língua no mundo, sem regras que a aprisionem, língua no acontecimento do significar na relação de homens com homens, sujeitos e sujeitos.” (ORLANDI, 2013, p. 13).

Em suas reflexões, Orlandi (2013) salienta a necessidade de se colocar tais noções em relação, uma vez que a história faz com que língua imaginária e língua fluída se entrecruzem. Articulado isso à nossa pesquisa, trata-se de apontar para os modos como, ao se falar da(s) (regras) da língua, coloca-se em cena a tensa conjuntura política nacional, as tomadas de posição e os processos de silenciamento que constituem os sentidos, visto que, como afirma Orlandi (2001, p. 85): “As palavras se acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio. [...] Entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move.”.

No caso do *corpus* sobre o qual nos deteremos a seguir, há não ditos que ressoam fortemente naquilo que se pretende fixar sobre as normas da língua na relação com o cenário político brasileiro, mas há efeitos de sentidos que se constituem para os sujeitos ao se dizer sobre a língua e sobre os seus empregos.





### 3. GESTOS DE ANÁLISE

Conforme afirmamos anteriormente, constituímos o nosso *corpus* para análise por duas materialidades significantes distintas, que ganharam circulação na rede eletrônica em diferentes momentos; e que têm em comum o fato de se ocuparem de uma questão gramatical específica: o emprego das formas dos porquês em língua portuguesa. As duas materialidades também apresentam, como regularidade, a produção de sentidos sobre o político e a política nacional, dando a ver uma relação entre língua, sujeito e posições ideológicas; dando a ver o político, enquanto disputa de sentidos, ao se dizer sobre a língua.

O primeiro dos objetos discursivos que elegemos para análise é um *meme* sobre o uso dos porquês, que circulou na rede social *Facebook* em 2016, após o processo que culminou com a deposição de Dilma Rousseff da Presidência da República no Brasil (Figura 1).

Figura 1 – Meme que circulou na rede social Facebook, em 2016<sup>4</sup>.



Fonte: Autor desconhecido.

<sup>4</sup> O meme continua disponível na rede eletrônica em muitas páginas, como blogs, páginas pessoais no Facebook e no Pinterest, como atesta pesquisa realizada no buscador de imagens do Google, em 8 abril 2020. Essa proliferação por páginas na internet é uma das principais características de um meme, conforme atesta Da Cunha Recuero (2007), ao retomar, em seus estudos, aquelas que seriam as três principais características de um meme: longevidade, fidelidade da cópia e fecundidade.



Discursivamente, entendemos o *meme* como uma materialidade que produz sentidos em condições de circulação específica, nas redes sociais. Para tratar dos porquês, o *meme* apresenta exemplos que textualizam uma expressão que circulou fortemente, também nas redes sociais, entre sujeitos e grupos de oposição ao processo do golpe/*impeachment*<sup>5</sup>: “Fora Temer”.

Estão em pauta, no *meme*, os usos do porquê como pronome, substantivo ou conjunção. Nesse funcionamento, a língua imaginária, retomando Orlandi (2013), coloca-se a conhecer, a fixar, conforme enuncia a sequência que inicia o *meme*: “Nunca mais esqueça como usar o porquê”. No entanto, tal evidência deixa de considerar o político. Conforme Schons, o político é

Característica atribuída também à língua. Na perspectiva em que se trabalha – a materialista – os saberes sobre línguas se constroem na história das gramáticas, nos dicionários e na linguística e ainda no modo como esses produzem conhecimento sobre a língua, uma vez que os modos de produção, apropriação e reprodução de saberes dispõem de mecanismos sócio-históricos que atuam sobre os processos de subjetivação. (SCHONS, 2011, p. 202).

Dos saberes institucionalizados sobre língua, fixados em diferentes arquivos, o que, de acordo com Pêcheux ([1981] 2010), não deixa de ser um gesto político-ideológico de leitura, o *meme* coloca em questão a política para se falar sobre tais saberes. A partir de uma concepção materialista (ORLANDI, 2001), que concebe o político enquanto as relações de poder na disputa pelos sentidos e as consequentes divisões que decorrem dessas

---

<sup>5</sup> Manteremos os dois termos para colocar em pauta as tensões político-ideológicas: de um lado, um grupo sustentado por um discurso conservador e que, em relação de aliança à mídia tradicional, inscreve-se na tese de que o processo contra Dilma Rousseff é *impeachment*; de outro, um grupo que sustenta que tal processo se filia a sentidos de golpe.





disputas e que também levam a elas, podemos interrogar acerca das possíveis relações de aliança que se colocam em jogo entre o sujeito autor e o efeito-leitor do *meme*. Uma possibilidade é a aliança construída entre sujeitos contrários ao processo de golpe/*impeachment* e a posterior condução do mandato pelo vice-presidente. Os usos dos porquês atuam como marcas linguísticas que inscrevem e evidenciam a tomada de (o)posição política: “Porque Temer quer retirar direitos”, “Todos sabem o porquê do Fora Temer”.

Sob a égide da língua imaginária, o *meme* desliza e pode produzir uma relação de sentidos com uma tirinha, que também circulou nas redes sociais naquela mesma época, cujos dizeres reproduzimos no quadro 1:

Quadro 1 – Reprodução dos dizeres de uma tirinha que também circulou amplamente nas redes sociais, no mesmo momento histórico

O que queremos?	FORA TEMER
Quando queremos?	AGORA!!!!!!
Como faremos?	Em 2018, votando nos mesmos de sempre.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em um *meme* de ampla circulação.

Observando o funcionamento dos dizeres da tirinha, depreende-se um jogo de perguntas/respostas no qual o leitor é fisgado pelo efeito humorístico de uma materialidade cujo efeito de sentido produzido é o do equívoco: os eleitores sabem o que querem, mas não sabem, afinal. Em outras palavras, o brasileiro, apesar de estar insatisfeito com o cenário político, não teria as condições necessárias para alterar tal conjuntura. Vale lembrar que o equívoco, da perspectiva discursiva, faz emergir os pontos de deriva em torno do sujeito e da história, afastando-se de efeitos de erro ou engano.





Retomando nosso objeto de análise, *omemese* produz a partir de um jogo de pergunta/resposta, que sintetizamos no quadro 2.

Quadro 2: Síntese do meme em análise

Quadro	Pergunta	Resposta
1º	“Por que fora Temer?”	-----
2º	----	“Porque Temer quer retirar direitos”
3º	“Você não foi ao ato Fora Temer, por quê?”	----
4º	----	“Todos sabem o porquê do Fora Temer”

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Entendemos que, no processo de textualização das perguntas/respostas do 1º e 2º para o 3º e 4º quadros, há um funcionamento nas relações lógicas produzidas que joga com diferentes imagens do leitor do *meme*. Tal funcionamento estabelece relações implícitas que, entendemos, sustentam, logicamente, a sequência dos quadros. Vejamos: no primeiro e no segundo quadros, o sujeito autor e o interlocutor se filiam à mesma posição política, de maneira que se mobiliza uma relação de sentidos segundo a qual “todos sabemos que lutamos pelo ‘Fora Temer’ já que direitos serão suprimidos sob seu governo”. No terceiro quadro, entretanto, a pergunta constrói uma imagem outra, a de um sujeito leitor não engajado – podendo deslizar, até mesmo, para um sujeito leitor favorável ao golpe/*impeachment* (“Você não foi ao ato Fora Temer, por quê?”), cuja possível afirmação, por parte de um sujeito leitor engajado, poderia ser textualizada como “Todos sabem o porquê do Fora Temer.”





No quadro 3, vamos situar as relações que são construídas, de maneira implícita, nos dizeres do *meme* e que produzem esse efeito de locigidade.

Quadro 3 – Relações que produzem o efeito de locigidade  
no *meme* em análise

---

“Por que fora Temer?” => “Porque Temer quer retirar direitos” =>  
[Então/Sendo assim/Por isso mesmo] “Você não foi ao ato Fora Temer,  
por quê?” => [Se] “Todos sabem o porquê do Fora Temer”

---

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Depreende-se que, na relação com a língua imaginária, a língua fluida não cessa de se inscrever para, nas relações estabelecidas entre os quadros, produzir jogos de implícitos, algumas possíveis direções de leitura e diferentes processos de subjetivação. Nas regras que buscam fixar a língua, algo irrompe, apontando para diferentes imagens do sujeito leitor e diferentes sentidos, produzindo efeitos de não engajamento, ainda que “todos” saibam as razões para que haja uma mobilização política.

Em termos de condições de produção (PÊCHEUX [1969] 1997), valer-se de um *meme* que se volta à correção gramatical para demarcar oposição ao então governo de Michel Temer já é um gesto que produz efeitos de sentidos. Isso ocorre porque, ainda na condição de presidente interino, Temer passou a ganhar destaque na mídia em função de seus usos de língua, dentre os quais se destacava a mesóclise, que compareceu, por exemplo, em dizeres como “...sê-lo-ia pela minha formação...”, presente em seu discurso de posse (AGOSTINI; CARNEIRO, 2016). Valer-se da língua em sua norma gramatical demarca, assim, uma posição sujeito que se ampara na evidência dos empregos de uma forma gramatical para sustentar, igualmente, a





evidência de se exigir a saída de um presidente que “quer retirar direitos”. Esse dizer da língua, assumindo a posição de um sujeito no domínio de seu emprego, faz, ainda, funcionar, discursivamente, um silenciamento acerca da evidência de se exigir a saída, do cargo máximo do governo da nação, de um presidente que não fora eleito legitimamente, razão pela qual “Todos sabem o porquê do Fora Temer”.

Em outras condições de produção, circula a segunda materialidade à qual nos voltamos para algumas considerações acerca da relação entre língua e sujeito. Trata-se de uma crônica que circulou no jornal *Folha de S. Paulo*, no espaço destinado ao colunista Pasquale Cipro Neto, em 24 de setembro de 2015, e que permanece acessível on-line. Recorremos, também, ao registro fotográfico de um cartaz, amplamente exposto na rede eletrônica, exibido em um dos protestos contra o governo de Dilma Rousseff, em São Paulo, e que dá origem à crônica.

Pensando, brevemente, acerca das condições de produção desses dizeres, a crônica possui uma condição outra de circulação quando comparada ao *meme* analisado previamente. É característica de páginas nas redes sociais a ampla circulação de materialidades diversas, que seguem seu curso sem, necessariamente, uma identificação de origem. A crônica em questão, no entanto, comparece sob um nome de autor, em um lugar específico de se dizer sobre a língua na mídia, porque a coluna de Pasquale segue uma tradição que remonta a 1900, quando começam a surgir, nos jornais em circulação no Brasil, colunas de especialistas “para tratar de assuntos pertinentes ao uso e à constituição do português enquanto língua nacional” (DELA-SILVA, 2008, p. 210).



Em suas colunas que circularam no jornal *Folha de S. Paulo* desde 1989 até dezembro de 2016<sup>6</sup>, o professor de português Pasquale sempre se ocupou de um dizer prescritivo sobre a língua e os seus empregos. Por isso mesmo, chamou-nos a atenção a coluna que elegemos para análise, uma vez que, embora ela se volte a dizer dos empregos dos porquês, sentidos outros acerca dos sujeitos e do político nela se inscrevem.

O mote dos dizeres sobre a língua na crônica é uma escrita em cartaz que também confere o título ao texto de Pasquale: ‘Porquê não mataram todos em 1964’. O cartaz é flagrado em fotografia, nas mãos de uma senhora que, aparentemente, descansa sentada na guia (da rua), após protesto na avenida Paulista, em São Paulo. Na crônica, Pasquale inicia mencionando um artigo a respeito da cena, publicado pelo jornalista Mário Magalhães em seu *blog*<sup>7</sup>, como se vê na SD1:

SD1: Bem, eu poderia me alongar nesse assunto, mas o meu texto não teria nem um pingo do brilhantismo do artigo publicado pelo grande Mário Magalhães em seu blog (“O silêncio cúmplice aceita a barbárie”). Mário esgotou o assunto. Sobrou-me a questão linguística, que, no caso, diz respeito à penúria gramatical da frase que se lê num cartaz que uma nobre senhora brandia no domingo para expor a sua também nobre visão de mundo: “Porquê não mataram todos em 1964”. Sim, assim mesmo.

Como se observa no fio do discurso da SD1, o colunista anuncia que irá dizer sobre “a questão linguística”, por ele qualificada como uma “penúria

---

<sup>6</sup> A informação sobre o fim da coluna de Pasquale na Folha de São Paulo está disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/pasquale/>.

<sup>7</sup> O *blog* de Mário Magalhães registra sua última postagem em 28 de julho de 2017, com um informe de que a decisão de interromper a publicação teria sido comunicada ao jornalista pelo UOL, no final do mês de maio de 2017. Disponível em: <https://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/>.



gramatical”. Anuncia-se, assim, tratar-se de um dizer meramente prescritivo sobre a língua, ao modo do que se faz nesses espaços na imprensa desde o final do século XIX, em colunas assinadas por filólogos e gramáticos (DELA-SILVA, 2008). Em sua formulação, no entanto, ao dizer sobre a procedência do cartaz, o dizer do colunista passa a produzir sentidos para o sujeito que o porta, colocando em cena um jogo de projeções (marcado em “nobre senhora”/”sua também nobre visão de mundo”) e delimitando posições.

Esse processo de projeção de uma imagem para a portadora do cartaz se marca na materialidade linguística da crônica, sobretudo nos exemplos que são trazidos pelo colunista para a explicação sobre cada uso dos porquês, como se pode observar nas sequências discursivas que se seguem.

SD2: Começamos pela forma (mal) empregada por essa candidata ao Nobel da Paz, que, salvo engano, queria ter escrito uma frase interrogativa direta. Nesse tipo de construção, não se emprega “porquê”; emprega-se “por que” sem acento, a menos que haja uma interrupção depois do “que”: “Por que Deus põe no mundo gente de alma tão ignóbil?”; “Você não vai? Por quê?”


SD3: Também se emprega “por que” em perguntas indiretas, como se vê em “Não sei por que essa gente é tão limitada” ou “Ninguém sabe por quê”. Note, por favor, que no segundo exemplo o “que” foi acentuado.

SD4: No caso da sentença perpetrada pela discípula direta da Madre Teresa de Calcutá, a forma adequada seria “por que”. E como deveria terminar o sublime pensamento? Com ponto de interrogação ou sem ele? Depende. Quando se escreve, por exemplo, “Por que essa gente diz barbaridades?”, pergunta-se por que essa gente diz barbaridades; quando se escreve “Por que essa gente diz barbaridades”, anuncia-se que se vai explicar a razão pela qual essa gente diz barbaridades.

Nas SDs 2,3 e 4, a formação imaginária projetada para a portadora do cartaz se marca nas retomadas que são feitas no intradiscorso para a







expressão “nobre senhora” (SD1), como em “candidata ao Nobel da Paz” (SD2) e “discípula direta da Madre Teresa de Calcutá” (SD4), que trazem à cena memórias dos discursos científico e religioso, respectivamente. Mobilizamos a noção de formações imaginárias tal como proposta em Pêcheux ([1969] 1997), entendida como as projeções no discurso das posições ocupadas pelos sujeitos, bem como a imagem projetada para os referentes sobre os quais incidem seu dizer. Tais projeções também se marcam nos exemplos que são mobilizados, que funcionam por dizer, ainda que indiretamente, da portadora do cartaz e de outros que a acompanhavam no protesto: “alma tão ignóbil”, “gente [que] é tão limitada”, “gente [que] diz barbaridades”.

Considerando os vestígios do discurso, Pasquale produz efeitos de ironia na imagem que mobiliza da mulher que porta o cartaz. Na esteira de Orlandi (1983, p. 84), compreendemos que tal efeito se manifesta pelo “universo do dizer” mobilizado por Pasquale tanto nos processos de designação/adjetivação quanto nos exemplos que traz e que se relacionam às mulheres e aos dizeres do cartaz. Para Orlandi, a ironia se marca, justamente, na relação que se estabelece entre três elementos: locutor, ouvinte e texto. A autora ressalta que “[m]esmo que não pareça irônico, pode sê-lo; depende da relação que se estabeleça”, o que, na análise em questão, julgamos ser um funcionamento possível.

Em seus estudos discursivos sobre os dicionários, Nunes (2006) aponta para a contextualização como um de seus domínios. Por contextualização, o autor entende as citações, as exemplificações, as colocações e os comentários, por exemplo, que passam a comparecer nos dicionários, marcando sua historicidade e “seus processos de formação e de transformação” (NUNES, 2006, p. 40). No caso dos dicionários, Nunes sinaliza para as exemplificações



como uma marca de autoria, enquanto função que passa a ser exercida pela forma sujeito lexicógrafo: “Com o tempo, o lexicógrafo autor foi se instalando, de modo que nos últimos séculos não nos surpreendemos quando o próprio lexicógrafo elabora exemplos” (NUNES, 2006, p. 24).

As colunas destinadas a dizer sobre a língua na imprensa não são, obviamente, dicionários. Mas também se constituem como um discurso sobre a língua e suas práticas por sujeitos, fazendo, igualmente, usos de exemplos, como vemos nas SDs que trouxemos anteriormente. Entendemos que, ao trazer esses exemplos, e não outros, marca-se, na materialidade linguística, uma posição sujeito que não é apenas a do professor de português, que diz sobre a língua e seus usos. Marca-se uma posição de enfrentamento ao discurso de ódio que ganhou as redes sociais e, também, as ruas, com maior ênfase a partir da eleição de Dilma para seu segundo mandato, em 2014, processo esse que será decisivo para que Temer assuma a presidência da República dois anos depois.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No percurso que aqui traçamos, tomamos para análise duas materialidades significantes que, ao dizer sobre a língua, em diferentes condições de circulação, produzem efeitos de sentidos para a política e suas práticas no Brasil, demarcando as posições ocupadas pelos sujeitos que nelas se inscrevem. Conforme afirmamos ao retomarmos algumas reflexões teóricas acerca do sujeito na análise de discurso, pelo funcionamento ideológico, sujeito e sentidos se constituem ao mesmo tempo. Como afirma Orlandi (2001, p. 48), “nem a linguagem, nem os sentidos, nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos



em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente”. Dizer da língua é, assim, dizer, também, do sujeito e dar a ver o funcionamento do político, enquanto divisão dos sentidos.

Ao fazer a crítica sobre as duas vias na história da Linguística – o logicismo e o sociologismo –, Pêcheux e Gadet ([1977] 2011, p. 301) mostram o modo como a tendência logicista “nega a política falando aparentemente de outra coisa, enquanto a tendência sociologista recalca a política falando ou acreditando falar dela”. Detendo-se, mais especificamente, sobre a tendência logicista, os autores pontuam a recorrência de temáticas específicas que recobrem exemplos que, aparentemente, decorrem da vida cotidiana, nos quais, em seus termos, “o que está debaixo da filosofia espontânea da linguística aparece em plena luz do dia” (idem, p. 303).

O dizer sobre a língua de uma posição prescritiva, como se vê em nosso *corpus*, também se faz assim: marcando lugares de onde se diz, inscrevendo filiações de sentidos.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINI, R. CARNEIRO, M. Após críticas e memes, Temer diz que evitará uso de mesóclise. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 set. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1818344-apos-criticas-e-memes-temer-diz-que-evitara-o-uso-de-mesoclise.shtml>. Acesso em: 9 abr. 2020.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**. Notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de Linguística Geral I**. 5 ed. Campinas: Pontes, 2005 [1966]. p. 284-293.



DA CUNHA RECUERO, R. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 32, p. 23-31, abr. 2007. Disponível em: <http://redalyc.org/articulo.oa?id=495550188006>. Acesso em: 8 abr. 2020.

DELA-SILVA, S. Imprensa e saber linguístico: o percurso de uma instituição. **Revista da ANPOLL**, Brasília, v. 1, p. 207-226, 2008.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível**. O discurso na história da linguística. Campinas: Pontes, 2004 [1981].

MARIANI, B. **Colonização linguística**. Campinas: Pontes: 2004.

NUNES, J.H. **Dicionários no Brasil**. Análise e história do século XVI ao XIX. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, E. Uma história de conhecimento, uma história da língua. In: \_\_\_\_\_. Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013, p. 9-18.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Destruição e construção do sentido (um estudo da ironia). O histórico e o discursivo. **Estudos**, Uberaba, v. 12, p. 66-97, 1983.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997a [1975].

\_\_\_\_\_. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia Mariani [et al.]. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997b [1969], p. 61-161.





\_\_\_\_\_. Há uma via para a Linguística fora do Logicismo e do Sociologismo. In: **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 2011 [1977], p. 295-310.

\_\_\_\_\_. Ler o arquivo hoje. [1981]. In: ORLANDI, E. **Gestos de leitura**: da história no discurso. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2010. p. 49-59.

\_\_\_\_\_.; GADET, F. A língua inatingível. [1981]. In: **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 2011. p. 93-105.

SCHONS, C. O imaginário sobre o ensino de língua na mídia impressa e na eletrônica: discursividades, memórias e subjetividades. In: GRIGOLETTO, E; NARDI, F.; SCHONS, C. (Org.). **Discursos em rede**: práticas de (re) produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Universitária, 2011, p. 201-226.

